



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Práticas de formação das professoras supervisoras do PIBID

Laura Noemi Chalu
Maria Antonia Ramos de Azevedo
Bétsamar Scopinho Martins
Débora Helena Spadari

Como citar: CHALUH, L. N.; AZEVEDO, M. A. R.; MARTINS, B. S.; SPADARI, D. H. Práticas de formação das professoras supervisoras do PIBID. *In:* MENDONÇA, S. G. L.; FERNANDES, M. J. S.; TORRES, J. C.; MORELATTI, M. R. M. (org.). **PIBID/UNESP Forma(A)ção de professores: percursos e práticas pedagógicas em Ciências Humanas.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 211-229.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-973-3.p211-229>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS SUPERVISORAS DO PIBID¹

Laura Noemi Chaluh

Maria Antonia Ramos de Azevedo

Bétsamar Scopinho Martins

Débora Helena Spadari

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), proposto pelo MEC/CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)² em 2007, tem a intenção de fomentar a iniciação à docência objetivando melhor qualificá-la, a partir de propostas de atividades construídas em parceria com a escola.

Segundo Gatti, et al. (2014), um dos diferenciais desse programa é que além de conceder bolsas a estudantes das licenciaturas, professores das universidades que os orientam, também concedem bolsas a professores

¹ Trabalho vinculado à pesquisa “O professor supervisor do PIBID: formador de futuros professores” que recebe auxílio da FAPESP (Nº 2015/18971-8), sob responsabilidade da primeira autora deste trabalho.

² Site da CAPES: <http://www.capes.gov.br/>

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-973-3.p211-229>

de escolas públicas, chamados de supervisores, “que acompanham as atividades dos bolsistas no espaço escolar, atuando assim como coformadores no processo de iniciação à docência, em articulação com o formador da universidade” (p. 10).

Desde março de 2014 desenvolvemos um dos subprojetos PIBID que integram o projeto institucional PIBID da UNESP. O nosso subprojeto PIBID/Pedagogia intitula-se “A contribuição da literatura nos processos formativos no contexto escolar” e é desenvolvido em uma escola municipal de Ensino Fundamental – Anos Iniciais na cidade de Rio Claro/SP. As ações propostas nesse projeto foram pensadas a partir das necessidades da escola parceira, a partir de questões explicitadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da mesma. Segundo consta no PPP, a escola tem como objetivo “Formar leitores, possibilitando a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação”; “Dominar instrumentos básicos da cultura letrada, compreendendo os diferentes tipos de textos que permitam aos educandos compreender e atuar no mundo em que vivem” (ESCOLA DANTE EGREGGIO, 2011, p. 22-25).

A escuta atenta das necessidades da escola foi o que definiu o foco de nosso subprojeto. Assim, ele objetiva o incentivo das práticas de leitura no contexto escolar. Para tanto, as atividades foram pensadas de maneira a atingir os alunos da escola e o coletivo de professores na promoção de projetos interdisciplinares que considerem a literatura como pauta para a formação de alunos leitores. Em consonância, o projeto da universidade reforça a importância da Literatura para a formação tanto dos alunos do Ensino Fundamental quanto para os bolsistas PIBID – professores em formação.

Do subprojeto participam 10 bolsistas do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, duas Professoras Supervisoras (coautoras deste trabalho), uma professora/orientadora da UNESP (segunda autora deste trabalho) e a responsável pela coordenação do subprojeto e orientadora (primeira autora do trabalho).

Dentre as atividades propostas de forma sistemática ao longo destes anos, destacamos os encontros legitimados como espaços de formação:

- a) Encontro dos bolsistas com as duas Professoras Supervisoras: encontros

quinzenais, objetivando socializar experiências e desenvolver e sistematizar a organização do trabalho pedagógico e de materiais didáticos, além de mediar os conflitos que podem surgir; b) Encontro dos bolsistas com a coordenadora e a professora colaboradora/orientadora: encontros quinzenais, em que são socializadas as experiências e definidos encaminhamentos, resolução de conflitos, discussões teóricas para melhor embasar as propostas nas escolas. Em algumas oportunidades, também são convidadas as Professoras Supervisoras para tratar de questões teóricas que merecem ser aprofundadas. Além de aspectos teóricos, são socializados textos literários e curtas-metragens; c) Encontros individuais de bolsistas com respectivas orientadoras da universidade, com a coordenadora do subprojeto e/ou com a professora orientadora da universidade. Trata-se de reunião mensal de orientação individual de cada bolsista; d) Encontro da coordenadora do subprojeto com as duas Professoras Supervisoras para encaminhamentos de trabalho junto com as bolsistas e com a escola como um todo.

Uma questão central na formação dos bolsistas é a promoção da prática de escrita de modo a sistematizar o conhecimento produzido na escola. Assim, os bolsistas produzem ao longo do ano escritas no caderno de registros individual, no caderno coletivo de registro dos encontros na universidade (rodízio na UNESP), no caderno coletivo de registro dos encontros com as Professoras Supervisoras. Também produzem relatórios parciais e finais e autoavaliação do processo vivido. As Professoras Supervisoras também têm assumido a prática da escrita, já que participam dos registros elaborados no caderno coletivo dos encontros que elas mesmas coordenam, fazem relatórios parciais e autoavaliação no final de cada semestre e têm um caderno pessoal no qual registram o processo vivido enquanto Supervisoras.

A prática de escrita no contexto de nosso subprojeto indicia uma concepção de sujeito/futuro professor que, no exercício da escrita, se revela para os outros, dizendo suas próprias palavras criticamente, em um movimento de contar e refletir sobre o vivido, tomando consciência de seu lugar no mundo. Assim, a linguagem (oral e escrita) se mostra potente para que os bolsistas se apossam da palavra. Porém, para que isto aconteça, faz-se necessário “oferecer contextos nos quais seja permitido

que o outro fale” (CHALUH, 2011, p. 173), promovendo âmbitos onde a palavra possa circular.

Gatti, et al. (2014, p. 104-105), explicitam de que forma o PIBID tem contribuído com os Professores Supervisores da escola, pois este:

- Contribui com uma formação continuada qualificada dos docentes das escolas e gera estímulo para a busca de novos conhecimentos e para a continuidade de estudos.
- Aproxima o Professor Supervisor do meio acadêmico, ajudando a articular o conhecimento acadêmico com o conhecimento da prática em uma perspectiva formativa.
- Propicia a reflexão sobre a prática e o questionamento construtivo, com apoio dos Licenciados e professores das IES em ações compartilhadas.
- Favorece o desenvolvimento de estratégias de ensino diversificadas e o uso de laboratórios e outros espaços
- Aumenta a motivação do docente pelo seu maior envolvimento em atividades diversificadas e interessantes.
- Propicia mudanças em perspectivas profissionais e aprendizagens e contribui para a melhoria de seu desempenho.
- Valoriza e reconhece o professor e seu trabalho na escola.

A referida pesquisa afirma que as propostas desenvolvidas a partir do PIBID promovem a formação dos Professores Supervisores. Porém, este trabalho vai por outro caminho. Pretendemos aqui deixar em evidência a importância que têm para os bolsistas a presença das Professoras Supervisoras que participam de nosso subprojeto e resgatar as práticas de formação que elas foram construindo coletivamente ao longo destes anos, deixando em evidência quais as contribuições delas na constituição docente dos bolsistas.

Para a produção do trabalho são analisadas as escritas produzidas pelos bolsistas, especificamente relacionadas aos aprendizados tidos ao longo de cada ano junto com as Professoras Supervisoras. No caso das Professoras Supervisoras trata-se de autoavaliação do percurso realizado em cada semestre.

AS PROFESSORAS SUPERVISORAS

André (2015) socializa dados de pesquisa na qual os Professores Supervisores dizem das contribuições do PIBID: “riqueza do contato com o ambiente acadêmico, a volta aos estudos, a atualização profissional, o trabalho em parceria” (p. 106). Consideramos que ainda são necessários outros estudos que legitimem o lugar dos Professores Supervisores enquanto co-formadores. Como já referido, este artigo vai nessa busca.

O lugar das Professoras Supervisoras se afirma nas relações escola-universidade e na relação professoras colaboradoras³-alunas bolsistas.

Entendemos ser relevante a relação das Professoras Supervisoras com os alunos bolsistas, no que se refere a elas serem mais um sujeito a colaborar com a formação dos mesmos. Esta colaboração se dá efetivamente quando as Professoras Supervisoras estão presentes, articulam os trabalhos, cuidam dos alunos bolsistas de forma integral, pois, muitas vezes, a formação dos mesmos se dá por caminhos inusitados, surpreendentes, conforme as escritas a seguir vão procurar revelar.

Assim, as Professoras Supervisoras participam diretamente do processo de formação deles, permanecem atentas e dispostas para ajudar em toda e qualquer situação, representando um auxílio para os bolsistas nas questões referentes ao trabalho dentro da escola.

Como já referido, o subprojeto PIBID objetiva ajudar a organizar o trabalho pedagógico da escola tendo como foco o incentivo da leitura, desenvolvendo uma proposta que atinja os alunos da escola e o coletivo de professores na promoção de projetos interdisciplinares que considerem a literatura como pauta para a formação de alunos leitores.

Assim, por se tratar de um subprojeto que trata de práticas de leitura, as Professoras Supervisoras orientam e conversam com todos sobre a escolha do livro e nesse momento contribuem com sugestões e, pela experiência, são capazes de antecipar pontos positivos e negativos que possam surgir, provocando antecipadamente uma breve reflexão sobre as escolhas e um possível plano alternativo.

³ Denominamos professora colaboradora aquelas professoras que assumem parceria na sala de aula com as bolsistas.

Tal reflexão acontece também após a aplicação do projeto, uma vez que as Professoras Supervisoras entendem a necessária avaliação constante do trabalho para assim aperfeiçoar a prática docente.

O comprometimento e envolvimento das supervisoras com o programa, onde levavam o mesmo a sério, fazia com que elas estivessem sempre acompanhando nosso trabalho, de forma que colaboravam no nosso aperfeiçoamento. Faziam isso acompanhando o trabalho de todas as bolsistas e participando, dando dicas, orientando, fazendo sugestões nos trabalhos a serem realizados, nos registros elaborados pelas bolsistas, no projeto do trânsito, entre outras atividades realizadas no âmbito do programa. Esse posicionamento de ambas as supervisoras, (de acompanhar e participar ativamente), é o que permite o levar a sério o projeto dentro da escola, e o nosso amadurecimento (Registro escrito por Pamela Z., aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?” em 2015).

Chama nossa atenção que Pamela tenha usado o termo “supervisora”. Porém o sentido que deixa entrever deixa de fora a ideia de “controle”. As Professoras Supervisoras “supervisionam” tendo outra concepção de seu lugar. Podemos até dizer que, em suas atuações, o que menos se mostra relevante é a supervisão enquanto “controle”, dando espaço a relações mais significativas que envolvem parcerias, auxílio, trocas, apoio, formação dos alunos bolsistas e afirmação das parcerias com as professoras colaboradoras que acompanham semanalmente em sala de aula, aqueles professores que abrem generosamente as portas de suas salas para pensar coletivamente propostas a serem realizadas com cada turma. Pamela deixa em evidência o compromisso assumido pelas Professoras Supervisoras que levam seu trabalho “a sério”, porque sabem de suas responsabilidades com cada uma das bolsistas.

Acreditamos que esse levar “a sério” diz de um compromisso das Professoras Supervisoras que, de uma perspectiva bakhtiniana, afirma a ideia de um sujeito responsável pelas suas ações perante a vida (GERALDI, 2010).

O termo supervisora talvez não seja o que melhor se encaixa com o fazer docente das Professoras Supervisoras de nosso subprojeto. Essa palavra remete, como já considerado acima, a uma ideia de controle. Isto foi

posto por uma das Professoras Supervisoras e assim registrado por uma aluna bolsista:

Bét diz que não concorda com o termo “supervisora”, porque não se vê assim, apesar de supervisionar ser uma faceta do trabalho... As supervisoras querem fazer a ponte entre nós e as professoras e trabalhar junto conosco. Dão dicas e auxiliam no trabalho. Organizam o trabalho (Registro de reunião de Vanessa, aluna bolsista, em 26 fev. 2015).

Contra a ideia de supervisão como controle, no nosso subprojeto PIBID/Pedagogia, apareceu a ideia de “super-visão” em conversas do grupo. Isto ocorreu de modo gentil e os trocadilhos com a palavra mostrou o sentido que o grupo estava dando ao lugar ocupado pelas duas Professoras Supervisoras. Esta “super-visão” explicitava com mais clareza a amplitude de possibilidades de atuação das Professoras Supervisoras no nosso grupo:

No sentido estrito da palavra “super-visão”, detiveram a capacidade de voltar o seu olhar para questões administrativas, burocráticas, inter-relacionais, pedagógicas e afetivas, entre outras, contemplando inúmeras situações e problemáticas com segurança e propriedade, o que nos proporcionou um sentimento de confiança e garantia para a realização dos trabalhos (Registro escrito por Vanessa, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?” em 2015).

Assim, as Professoras Supervisoras têm uma “super-visão”, porque tentam enxergar a totalidade. Assim como nos ensinou Saramago: “Para conhecer as coisas há que dar-lhes a volta”⁴. Dar a volta implica mostrar aos bolsistas a complexidade da escola, todas as questões que atravessam a construção de uma escola, todas as questões que permeiam o fazer docente. Isto, lógico, as bolsistas podem compreender porque estão mergulhadas no cotidiano da escola e porque a “super-visão” das Professoras Supervisoras lhes permitem fazer uma leitura ampliada da escola.

Ter a oportunidade de estarem mergulhados na escola implica ver as contradições, as lutas cotidianas, as pressões, os conflitos pessoais, enfim, a vida escolar com seus encantos e desencantos: a vida! Assim, durante a aplicação dos diferentes projetos parceiros elaborados em cada turma, os alunos bolsistas experimentam angústias e as Professoras Supervisoras estão

⁴ Depoimento de José Saramago no documentário “Janelas da alma”. Diretor: João Jardim e Walter Carvalho (2001).

presentes para ouvi-los e se possível transformá-las num episódio de amadurecimento para todo o grupo. Freire (2001) afirma a necessidade de “*escutar* o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória” (p. 135), já que, ao escutá-lo, aprendemos a falar com ele. Segundo Freire (2001), escutar é a “disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, à diferença do outro” (p. 135). Isto não implica abrir mão do direito de discordar.

Cabe salientar que as professoras colaboradoras também são acometidas por angústias, e as Professoras Supervisoras, como parceiras no projeto e na escola, se colocam à disposição, caso elas queiram conversar e juntas encontrarem uma solução que seja eficiente para todos os envolvidos no trabalho em questão. Em relação às angústias vividas, socializamos algumas considerações dos bolsistas:

Partilhávamos nossas angústias e éramos acolhidas e até socorridas pelas supervisoras. Além das reuniões, as duas sempre se mostraram prontas para ajudar, tirar dúvidas, dar recomendações e ideias em qualquer horário. (Registro escrito por Julia, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?” em 2015).

Débora [professora supervisora] explica que da mesma forma que são nossa ponte, também são das professoras, pois precisam atendê-las (Registro de reunião de Vanessa, aluna bolsista em 26 fev. 2015).

Percebo as bolsistas confiantes em nós, diante de problemas e/ou dúvidas, não hesitam em nos questionar e/ou pedir ajuda (Avaliação individual do processo vivido enquanto supervisora por Betsamar, em 27 jul. 2015).

Os bolsistas dizem do acolhimento recebido pelas Professoras Supervisoras, tentando responder sempre às questões e problemas postos por elas e as Professoras Supervisoras, enfatizam com suas falas a presença constante para poderem colaborar. Porém, chama a atenção uma palavra utilizada por uma bolsista: a ideia de ponte. Ponte porque as Professoras Supervisoras de nosso subprojeto têm assumido estabelecer e fortalecer o PIBID com equipe de gestão, professores, funcionários e pais. Pois são elas que mostram o trabalho construído coletivamente na escola, através

dos painéis⁵. São elas que, em todos esses anos, têm lutado para conquistar espaços nos HTPCs para socializar os trabalhos parceiros junto ao PIBID.

Na escola, existem dois espaços de formação instituídos: HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) e HTPI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual). As Professoras Supervisoras, sempre que necessário, procuram as professoras colaboradoras em seus horários de HTPI e regularmente pedem para a coordenação da escola um espaço na pauta do HTPC, quando expõem para todos os professores e equipe gestora os combinados e particularidades do Projeto PIBID e do Projeto de Literatura, informam e tiram dúvidas que auxiliam na elaboração dos projetos que serão desenvolvidos.

Nos períodos que lhes são disponibilizados em HTPC também relembram combinados com as professoras colaboradoras, tais como: no dia em que o bolsista estiver presente, planejarem duas aulas para o Projeto de Literatura parceiro, uma aula, que seria HTPI, para o planejamento contínuo deste trabalho parceiro e duas aulas para que o aluno bolsista esteja observando o professor em atuação, participando/ajudando no que for necessário e aprendendo com sua prática. Para estes momentos, as Professoras Supervisoras encorajam as professoras colaboradoras a socializarem práticas que julgam interessantes e, assim, elas, além de contribuírem com a formação dos bolsistas, também percebem que suas experiências são significativas ao se colocarem como parceiros no processo de formação desses futuros docentes.

Também explicam que os bolsistas não são estagiários, portanto constituem com os envolvidos uma relação de parceria mais efetiva, sendo que permanecem durante todo o ano letivo com a classe, e, no ano seguinte, mudam de classe, mas continuam na mesma escola, compartilhando dos trabalhos comuns.

Igualmente relembram/reforçam que os alunos bolsistas não poderão assumir a sala de aula sozinhos, sem a presença de uma professo-

⁵ Com o intuito de levar ao conhecimento e divulgar para a comunidade escolar e familiares a parceria PIBID-Escola são feitos painéis. O trabalho com painéis acontece de duas maneiras: o “painel de apresentação”, com breve frase explicativa da parceria e fotos de todos os envolvidos e os “painéis-ações”, que no decorrer do ano são afixados na escola, divulgando ações parceiras que estão acontecendo.

ra ou inspetora; que a professora colaboradora estará sempre orientando o andamento do trabalho.

As Professoras Supervisoras são responsáveis pela intermediação entre os alunos bolsistas e a escola. É a partir do lugar que ocupam que procuram promover um contexto no qual todos os bolsistas percebam um ambiente seguro e prazeroso. Contexto seguro no sentido de estarem conscientes da aprovação de seu trabalho e prazeroso porque nele experimentam a conquista dos objetivos propostos, a satisfação dos envolvidos no processo, e principalmente a realização dos alunos participando deste projeto.

A escola, um lugar de diversidade, portadora de diferentes opiniões e, por isso, lugar de conflito. É nesse espaço de diálogo, conflito e contradição, que muitas vezes as Professoras Supervisoras sentem a urgência de agir no sentido de mediar com as professoras colaboradoras e equipe de gestão para juntos estabelecer um consenso, um ponto de equilíbrio entre ideias e opiniões para que a aplicação do projeto seja possível.

Por fim, resalto a importância do papel das supervisoras para a realização dos trabalhos do PIBID, uma vez que sem elas, essa intermediação entre as alunas e a escola não existiria, dificultando as relações e consequentemente as atividades a serem realizadas (Registro escrito por Vanessa, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

Outra questão que gostaríamos de destacar é a relação teoria e prática. A possibilidade de mergulhar no cotidiano escolar, a possibilidade de pensar o fazer pedagógico coletivamente, implica que os bolsistas constantemente sejam levados a questionar sua própria prática procurando embasamento teórico para assim justificar e argumentar sua ação educativa. A inserção dos alunos bolsistas na escola leva-os necessariamente a se envolverem constantemente no movimento prática-teoria-prática.

Segundo Freire (2005, p. 78):

Para refletir teoricamente sobre minha prática não me é necessário mudar de contexto físico. É preciso que minha curiosidade se faça epistemológica. O contexto apropriado para o exercício da curiosidade epistemológica é o teórico, mas, o que torna teórico um contexto não é seu espaço, e sim a

postura da mente, daí que possamos converter um momento do contexto concreto em momento teórico (FREIRE, 2005, p. 78).

O autor explicita que a curiosidade é suporte necessário para nossa compreensão do mundo, pois “sem a curiosidade que nos torna seres em permanente disponibilidade à indagação, seres de pergunta – bem feita ou mal fundada, não importa, não haveria a atividade gnosiológica, expressão concreta de nossa possibilidade de conhecer” (FREIRE, 2005, p. 76).

Assim, acreditamos que nos processos formativos que desencadeamos na escola com as Professoras Supervisoras e na universidade, estes vão na linha de provocar a curiosidade para que os bolsistas assumam uma postura de inquietação perante os objetos de conhecimentos na busca por compreender as razões de ser do objeto no interior de suas relações com outros.

Se a universidade, nos encontramos com a professora coordenadora do PIBID e com a professora colaboradora, é um espaço de socialização de experiências tidas na escola, de resolução coletiva de conflitos vividos, da dimensão pessoal da constituição docente, também é um espaço de discussão teórica para melhor embasar suas escolhas e ações.

Nos encontros com as Professoras Supervisoras o destaque está nas formas de melhor organizar o trabalho pedagógico, são discutidas questões mais atreladas às questões práticas/didáticas. Isto é, tratam-se de questões do dia a dia da escola, na busca por elaborar um planejamento que respeite as ações e atividades que envolvem alunos bolsistas e suas respectivas professoras colaboradoras.

Entretanto, queremos ressaltar e legitimar que as experiências docentes das Professoras Supervisoras de nosso subprojeto potencializam as discussões vinculadas com o fazer docente, com procurar material pedagógico, com melhorar os planejamentos, com a busca de livros.

No cotidiano escolar muitas vezes temos ouvido que “a teoria na prática é outra”. Não compactuamos com essa ideia. A teoria e a prática estão em constante movimento, uma inquieta à outra, uma precisa da outra para pensar numa docência coerente, uma docência que procura agir de modo coerente com seus ideais educativos. Porém, os alunos bolsistas

se perguntam como proceder nesses momentos de conflitos, entre o que estudam na universidade e o que vivenciam na escola. Quando algum bolsista traz suas indagações, por exemplo, sobre diversidade, alfabetização, comportamento da classe etc. as Professoras Supervisoras procuram sugerir algum livro de literatura que possa trazer para a prática de sala de aula o trabalhar dessas indagações. As professoras Supervisoras também procuram auxiliá-los com exemplos práticos obtidos através de suas experiências com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tentam conectar os questionamentos teóricos dos alunos bolsistas com as alternativas práticas de trabalho pertinentes a cada faixa etária.

As Professoras Supervisoras também mostram que a adaptação de uma ideia/plano é uma alternativa, que esse importante movimento de planejar e replanejar, sempre conduzido pela base teórica vista e pensada na Universidade, será uma constante em sua prática docente, que dele depende o sucesso para alcançar seus objetivos diante da diversidade de uma sala de aula.

Assim, as Professoras Supervisoras auxiliam os alunos bolsistas a discutirem teoricamente os acontecimentos vividos na escola para lidar com as crises e aprendizagens desencadeadas no confronto entre ambas.

Para minha formação, o maior impacto que as supervisoras me causou foi ver a realidade da sala de aula, da escola e da prática docente. Acompanhamos de perto o esforço, as dificuldades, a burocracia e o amor necessário para a profissão (Registro escrito por Julia, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

Elas nos ensinam sobre a prática diante a teoria, explicando que nenhuma teoria vai ensinar uma fórmula mágica para estar dentro da sala de aula, lidar com situações cotidianas da escola (Registro escrito por Karina, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

Vanessa ainda em sua fala comenta sobre suas crises em relação à teoria na faculdade e a prática na escola, e que aprendemos e adaptamos com a experiência (Registro de reunião de Rebeca, aluna bolsista em 12 mar. 2015).

Estar *na e com* a escola (CHALUH, 2013) implica, como já explicitado, em viver as contradições, a burocracia e a forma como vamos

constituindo o trabalho docente. Porém, também implica em reconhecer que não existem fórmulas mágicas para dar conta do cotidiano escolar, não existem receitas. E, porque não existem receitas, não basta com a teoria, temos que reconhecer como legítimos os saberes experienciais, temos que apreender com os alunos, eles também nos ensinam outras formas de fazer.

Geraldi (2010a) afirma que nos processos de formação temos que considerar válida toda a herança cultural, porém também é necessário valorizar nesse processo a relação que estabelecemos com o vivido. Isto porque não bastam as respostas que a herança cultural deu para alguns problemas. Assim, o autor explicita a necessidade de que o professor do futuro seja um “sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem vivido, para transformar o vivido em perguntas. O ensino do futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas. Aprender a formulá-las é essencial” (GERALDI, 2010b, p. 95-96).

Destacamos aqui que as Professoras Supervisoras atuam para além de orientar questões didáticas, elas acolhem, ouvem, elogiam, e se necessário alertam, com o cuidado de não criticar e desestimular os iniciantes na docência...

(...) sempre me elogiou sobre o que deram certo e nunca me criticou sobre as besteiras que fiz. (...) Elas são como coordenadoras pedagógicas, sempre conversam, explicam e tentam achar uma melhor solução em conjunto. (...) acompanhando e tentando amenizar os problemas (Registro escrito por Karina, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

Na relação universidade-escola, alunos bolsistas-realidade escolar, a atuação das Professoras Supervisoras enquanto “ponte”, ou seja, enquanto mediadoras, é fundamental. As Professoras Supervisoras têm assumido seu lugar de mediadoras, e, essa prática teve implicações na formação dos bolsistas. Isto é perceptível na medida em que elas refletem sobre questões, tais como, convivência entre os diferentes, sobre a participação na escola e os mecanismos de tomadas das decisões etc. Escritas dos alunos bolsistas corroboram isto:

A ponte que fizeram entre pibidianas e escola foi além de nos dar avisos, mas realmente uma mediação de equilíbrio, nos ensinando melhorar a convivência e aceitar as diferenças do próximo (Registro escrito por Julia,

aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

Elas são responsáveis por intermediar determinadas questões que são postas pela escola para o PIBID ou vice-versa; de manter as bolsistas ligadas ao programa informadas acerca de decisões, atualizações ocorridas no âmbito escolar (Registro escrito por Pamela Z., aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

Outra questão que pode ser levada a reflexão a partir do trabalho das Professoras Supervisoras para com o grupo de bolsistas diz respeito à educação pública e seus desafios. Objetivando auxiliar na formação dos futuros professores e também esperando que os mesmos, ou sua maioria, tenham oportunidades de atuar em escolas públicas, faz-se importante, sempre que possível, colocá-los a par dos desafios, das lutas, das conquistas, dos prazeres que o exercício da profissão proporciona.

Aprendi muito com as supervisoras durante esses dois anos a não desistir da educação pública, que existem sim desafios, frustrações, mas que se colhe bons frutos durante toda sua carreira, o importante é buscar alternativas para superar os obstáculos e desafios, e aprendi que não se deve desistir de um aluno, ou uma luta (...)

Aprendi com elas que não se pode “abandonar” ou esquecer um problema que ocorre dentro da escola, esse problema deve ser investigado e deve ser resolvido, e não ignorado (...) (Registro escrito por Rebeca, aluna bolsista em “O que aprendi com a professora supervisora?”, em 2015).

As questões apontadas acima dizem de Professoras Supervisoras engajadas com a educação e, que, nos processos de formação com os bolsistas dizem da não neutralidade do lugar que ocupamos. Dialogamos com Freire (2001, p. 86) quem afirma que

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade. [...]. Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo? (FREIRE, 2001, p. 86, grifos do autor).

Acreditamos que o posicionamento político das Professoras Supervisoras perante a Educação também diz de um aprendizado para os bolsistas, um fazer docente de luta, de alegrias e tristezas, de afrontar os conflitos e buscar por soluções. Porém, nosso destaque aqui diz de nunca desistir dos alunos. Isto diz de uma concepção de Educação, isto diz de uma concepção de sujeito. Isto nos remete às ideias de Rancière (2002, p. 14) que, ao discutir sobre a igualdade na educação, explicita que verificar a igualdade “não é provar que todas as inteligências são iguais. É ver o que se pode fazer a partir dessa suposição. E, para isso, basta-nos que essa opinião seja possível, isto é, que nenhuma verdade contrária seja demonstrada” (RANCIÈRE, 2002, p. 56). Segundo o autor, “O problema não é fazer sábios, mas elevar aqueles que se julgam inferiores em inteligência, fazê-los sair do charco em que se encontram abandonados: não o da ignorância, mas do desprezo de si, do desprezo *em si* da criatura razoável” (p.107-108), ou seja, o desafio é fazê-los homens emancipados e emancipadores. Nesse sentido, atentamos a uma formação de professores que enxergue a potencialidade de todos os alunos.

Na busca por ampliar o contexto no qual o professor se insere, sabendo que não apenas faz parte da escola, as Professoras Supervisoras ainda informam e orientam os bolsistas sobre a carreira do Magistério Municipal, levando ao conhecimento deles o Estatuto do Magistério, regras e normas que fazem parte da rotina do docente, bem como portarias e resoluções. Procuram, na medida do possível, esclarecer todas as dúvidas e informá-los sobre os assuntos apresentados e discutidos em reuniões, na escola e/ou Secretaria da Educação, como as alterações feitas no PPP e o estudo da Base Nacional Comum Curricular.

Nesse momento a Pam 1 questionou sobre a construção do PPP que segundo Débora já está praticamente finalizado.

Ainda dentro dos avisos, diz-se que nessa semana e na seguinte não haverá HTPC com todas as professoras na escola, pois está ocorrendo HTPCs coletivos na Secretaria da Educação, com debate sobre a Base Nacional Comum Curricular (Registro de reunião de Midian, aluna bolsista em 10 mar. 2016).

Base Nacional Comum Curricular: Débora comentou o encontro que tiveram na SME porque na última reunião houve curiosidade das meninas sobre o assunto, disse que entrou no site do MEC e está acompanhando

pouco a pouco as alterações (Registro de reunião de Mariana, aluna bolsista em 31 mar. 2016).

Assim, finalizando, é responsabilidade das Professoras Supervisoras acolherem os bolsistas, ensinar e acompanhar durante todo o processo de participação no subprojeto. Consideramos que com o mesmo afeto os bolsistas irão exercer sua futura profissão. Profissão que se faz cotidianamente, porque somos sujeitos inacabados, como nos ensinou Freire (2001). Porém, a constituição de professor que reconhece a experiência vivida e a formação adquirida no contexto, o PIBID potencializou a presença na escola, na sala de aula, porque se reconhece e legitima a escola como espaço de formação.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nesse trabalho foi proposto deixar em evidência a importância que tem para os bolsistas a presença das Professoras Supervisoras que participam de nosso subprojeto e resgatar as práticas de formação que elas foram construindo coletivamente ao longo destes anos.

As Professoras Supervisoras são de fato formadoras pois construíram um espaço de formação sustentado por uma escuta atenta, por um olhar de “super-visão”, “hiper-visão”, “inter-visão”, tendo a pretensão de que os bolsistas enxergassem para além das questões pontuais, que pudessem olhar para o contexto no qual as coisas aconteciam, estabelecendo relações, elas mostraram possibilidades de um fazer docente comprometido no qual se faz necessário pensar ações, repensar ações, refletir sobre o próprio fazer, promovendo um espaço de formação em que todos pudessem se expor, na busca da promoção da coletividade no grupo.

As Professoras Supervisoras ensinaram a não neutralidade perante as ações na escola, perante as ações na educação, legitimando, assim, seu saber fazer e sua experiência, explicitando que os saberes produzidos na escola são válidos, podem nortear nossas ações e escolhas, porém elas também mostraram a necessária articulação com a teoria para assim melhor argumentar e justificar as ações.

Nessa direção, o trabalho deixou em evidência, a partir das escritas dos bolsistas, os saberes produzidos por elas e pelas Professoras Supervisoras.

Os bolsistas desencadearam os saberes de enxergar as teorias postas nos livros e na academia e, nas ligas com o cotidiano escolar, os acontecimentos vividos ganharam outro sentido, provocando a curiosidade, querendo compreender mais e melhor.

Por um lado, as Professoras Supervisoras aprenderam a aprender novos conhecimentos e ações professorais acerca da ensinagem (ANASTASIOU, 1998) e da aprendizagem. Ao mesmo tempo em que ensinavam, aprendiam; desenvolviam a capacidade de escuta atenta e acolhiam as inquietações e dúvidas dos bolsistas, colocando-se no lugar do outro e, ao mesmo tempo, no lugar de alguém que, com experiência, precisa orientar mediar, guiar.

Os saberes que as Professoras Supervisoras precisaram desencadear vão desde a construção de parcerias colaborativas entre os próprios professores das escolas, seus pares, e as parcerias interinstitucionais. Nessa direção o desafio foi enorme, pois construir saberes com os pares exigiu das Professoras Supervisoras saberes outros que iam além das ações voltadas ao atendimento aos bolsistas, pois exigiam interagir e potencializar inter-relações com seus pares (que acolhiam os bolsistas na sala de aula), com a equipe gestora e com a comunidade como um todo.

Outro grande desafio foi no momento da necessidade da construção de práticas docentes que contemplassem o aprofundamento da área de conhecimento específico junto com o conhecimento pedagógico, pois, mesmo com imensa experiência profissional das professoras supervisoras, o desafio da articulação entre teoria e a prática vinculada a um conhecimento profundo entre esses conhecimentos exigiu estudo sistematizado que os anos de experiência ainda não garantiram.

O caminho de orientação e mediação promovido pelas Professoras Supervisoras não pode ser fechado e único, mas deve se diferenciar mediante as necessidades observadas e sentidas nos bolsistas, pois cada um deles traz dentro de si experiências e inquietações próprias que precisam ser observadas e trabalhadas junto com a coordenadora do subprojeto PIBID. Assim, contra a homogeneização e o enquadramento das ações formati-

vas, devemos primar pela diversidade, variabilidade e profundidade nos encaminhamentos propostos junto aos bolsistas, princípio que deve reger também qualquer meta docente.

As Professoras Supervisoras mostraram os caminhos para legitimar o PIBID na escola, cavando espaços para socializar o conhecimento produzido nas parcerias com as professoras colaboradoras, documentando o fazer docente.

Elas também ensinaram a necessidade de fazer pontes com os diferentes sujeitos inseridos na escola, na busca por desenvolver propostas que atendessem os objetivos postos. Por fim, as Professoras Supervisoras mostraram que devemos acreditar na potencialidade de todos os alunos.

Estas supervisoras desencadearam ações que levaram os bolsistas a desenvolverem uma ação profissional, enquanto pesquisadores, por meio da proposição de escrita de suas experiências formativas, tendo o ensino como pano de fundo no desenrolar do processo de desenvolvimento pessoal na própria prática de ensinar.

Já as Professoras Supervisoras, fora a resignificação da sua profissionalidade docente frente à ação de orientação de “super-visão”, “inter-visão”, “hiper-visão”, acabaram por também reassumirem a profissão no âmbito da sua professoralidade, na medida em que esta experiência, ao acontecer, possibilitou que as mesmas experienciassem um modo singular de serem professoras e orientadoras de outras futuras professoras, produzindo assim uma marca nelas mesmas, pois é por meio dessa experiência subjetiva que as Professoras Supervisoras acabaram por ser algo que não vinham sendo e se diferenciando de si mesmas a partir das experiências com os outros. Enfim, no encontro com os bolsistas, as Professoras Supervisoras foram se constituindo, se formando e transformando.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 145, Apr.2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100008&lang=pt>. Acesso em 9 out. 2014.

_____. Espaços alternativos de formação docente. In: GATTI, B. A. et. al. *Por uma revolução no campo da formação de professores*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ANASTASIOU, L. G. C. *Metodologia do Ensino Superior*: da prática docente a uma possível teoria pedagógica. Curitiba: IBPEX, 1998.

CHALUH, L. N. Futuros professores: um processo coletivo de formação. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO [GEGe]. *Questões de cultura e contemporaneidade*: o olhar oblíquo de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 161-174.

_____. Alunos-pesquisadores no contexto escolar: troca de cartas no processo formativo. *Comunicações*, Piracicaba, ano 20, n. 2, p. 7-25, jul.-dez. 2013.

ESCOLA DANTE EGREGGIO. *Projeto Político Pedagógico*. Rio Claro, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. *À sombra de uma mangueira*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2005.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M., E. D. A.; GIMENES, N. A. S.; FERRAGUT, L. *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. São Paulo: FCC/SEP, 2014.

GERALDI, J. W. Ancoragens: estudos bakhtinianos. In: _____. *Sobre a questão do sujeito*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a. 175p.

_____. A aula como acontecimento. In: _____. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.